

## Castello de S. Miguel-o-Anjo

(Notas de um reconhecimento)

No dia 23 de Novembro de 1893, dirigi-me ao chamado *Castello de S. Miguel-o-Anjo, de Ázere*, situado no concelho dos Arcos de Valdevez, com o intuito de verificar a verdade e importancia da noticia que, na ante-vespera d'aquelle dia, me tinham dado de que uns cortadores de pedra haviam encontrado lá um *forno antigo e dentro um pote de barro, contendo carvões*.

O *castello* de S. Miguel<sup>1</sup> é um castro com os seus caracteristicos de configuração, com vestigios reconhecidos de habitação e até com toponymia quasi comprovativa<sup>2</sup>.

A eminencia, em que assenta, eleva-se numa distancia de dois kilometros, a nordeste da villa dos Arcos, na margem esquerda do rio Vez. Orographicamente, está ligada a uma corda de montanhas mais altas que, correndo aproximadamente de S. a N., se ramificam para O. num curto prolongamento de quebradas, em cujo extremo avulta, coroado de enormes penedos, o cabeço do castro, como a obra avançada d'um extenso systema de fortificações. De facto, pelos flancos d'essas quebradas, deixaram os homens de então outros vestigios das suas obras de defesa.

Pelo norte a ladeira do castello cae despenhadamente sobre a margem esquerda do riacho de Grade, affluente do Vez. Igualmente inclinada é a encosta do sul; d'este lado, porém, ao fundo, desenrola-se uma fertil e extensa chapada, onde poisa a freguesia de Giella, quasi inteira. De uma e de outra parte pois, a defesa do castro era natural e facil; nenhuma necessidade de obras de segurança e de fortificação.

Na encosta oeste, (o lado fraco da posição), é que ainda se conservam as trincheiras com as banquetas ou patamares tão caracteristicos dos castros, que até de longe os denunciam; neste, porém, escondidos sob a vegetação de um pinhal, só se desenhavam a quem os examina

<sup>1</sup> No alto do *castello* houve até ha bastantes annos, uma ermidezinha dedicada a S. Miguel, a qual jaz hoje em ruinas. Este facto póde ter nos castros uma importancia e uma significação que se não podem desprezar para futuras investigações (Cfr. *Revista de Guimarães*, vol. I, pag. 167).

<sup>2</sup> Ha no concelho dos Arcos mais alguns montes com a mesma designação de *castello*; nos que já visitei, tenho sempre encontrado, juncando o solo, vestigios que não deixam dúvidas á cêrca da sua antiguidade.

de perto (Cfr. *Rev. de Guimarães*, vol. v, 1888, e *Castros y mamôas de Galicia*, por Villa-Amil, cap. I a v)<sup>1</sup>.

Guiado pelas indicações, que me tinham sido casualmente fornecidas, a meia encosta do monte, para a banda do sul, encontrei uma excavação feita pelos pedreiros, em parte para desembaraçarem um penedo que estivera naquelle sítio e que acabavam de partir, e já em parte também para desobstruirem os vestígios da parede do tal forno, na esperança de encontrarem por ali alguma riqueza encantada. Os *livros* diziam occultarem-se naquelle monte *grandes haveres*, e no alto do castello alguém tinha já visto por vezes, sentada a fiar, uma moira nova e bonita<sup>2</sup>.

Com tão suggestivas indicações, os cubiçosos pedreiros não podiam deixar de revolver completamente, como fizeram, o terreno que envolvia as paredes circulares do tal forno. Vasos de barro eram porém os unicos objectos que se dignavam apparecer, e por isso soffreram a vil punição de rolar aos pedaços pelo monte abaixo. Foi o que também succedeu a outro pote que em tempo naquelle mesmo monte apparecêra enterrado; esse, porém, que estava cheio de cinzas ou materia carbonizada, achava-se cuidadosamente tapado.

Apesar d'estas desoladoras informações, resolvi completar a denução das paredes do tal *forno*, que já então para mim não era senão uma habitação circular, analoga á de outras estações proximamente coevas, como depois verifiquei.

Com o auxilio de jornaleiros, removi toda a terra que pejava o interior da habitação, guiando-me pelo que ainda se conservava das paredes. Cada pá de terra era cuidadosamente examinada, e apartados os numerosos fragmentos de ceramica e os seixos de várias fórmias que iam apparecendo<sup>3</sup>.

A habitação pousava na encosta do monte que olha ao sul, não inteiramente erguida e desafrontada do terreno, mas escondida em parte num recanto formado principalmente por um córte vertical de

<sup>1</sup> A exploração que narro neste escripto, não passou de um simples trabalho de reconhecimento; mas ainda assim bastou para fornecer provas irrecusaveis da existencia nestas paragens de uma população romanizada; facto presumivel, mas que, creio, ainda não fôra aqui verificado em monumentos históricos d'esta natureza.

<sup>2</sup> Esta lenda da moura encantada que fia, existe também ligada a alguns castros da Galliza (vid. *Castros y mamôas*, cit., cap. v).

<sup>3</sup> Não havia ali terreno de alluviões constituídas propriamente pelo *seizo rolado*; por isso todos os seixos despertavam a attenção.

tres metros feito no salão por que é constituído o sub-solo da montanha. Dado o forte declive d'esta, ficava pois a habitação com a parte correspondente ás traseiras abrigada pelo córte contiguo, e com a frente livre e erguida sobre o plano inclinado da encosta<sup>1</sup>.

Nestas circumstancias explicava-se facilmente o soterramento da casa. A encosta, cujo pendor é grande, sujeita a frequentes desmoronamentos ou a contínua erosão, forneceu a terra com que a casa aluira e se entulhára de todo. E a prova estava em que, no mesmo local, mas á superficie, assentava, ainda ha pouco, um penedo que rolára do alto do monte e cujo fraccionamento e exploração foram a causa do encontro daquella construcção, que jazia quasi toda por baixo d'elle.

Como pois o entulho era constituído pelos destroços da propria casa e pela terra vegetal, tudo numa confusão completa, numa desordem absoluta, facil me foi perceber que, encontrado o salão nativo e intacto da montanha, não devia levar mais fundo o trabalho de excavação. Simples era ali distinguir do terreno virgem o entulho.

Das paredes da habitação subsistia porém quasi só a parte protegida e encostada ao córte, tendo ficado raros vestigios da parte desamparada que olhava ao sul—a frontaria da casa. Mãos sacrilegas a tinham violado antes de mim, destruindo-a quasi por completo.

A habitação era, em todo o caso, circular; o diametro interno media 3<sup>m</sup>,70. O apparelho da parede era irregular, formado de pedras pequenas mas muito designaes, faceadas por ambos os lados, assentes em argamassa de barro e calçadas cuidadosamente com rachas ou lascas de pedra<sup>2</sup>.

Não se notava a disposição helicoidal das pedras nas casas da Citania e Santa Luzia. A parede não tinha, como aliás nestas duas estações, o paramento externo de pedras maiores e quadrangulares independente e destramado do interno, feito de pedras miudas e irregulares; mas empregára-se o systema de construcção por *juntoiros*. A sua espessura era de 0<sup>m</sup>,45 e as pedras aparelhadas tanto para a face interna da habitação como para a externa, vendo-se claramente

<sup>1</sup> Cfr. o que se lê tambem com relação a algumas habitações da Citania nas *Observações á Citania de Hübner*, por Martins Sarmiento.

<sup>2</sup> *Racha* é aqui termo mais usado pelos alvaneis que *lasca*; de *racha* fizeram *rachar* no sentido de «calçar o assento das pedras, nos intersticios das suas juntas, por meio de *rachas* de pedra». Dir-se-hia pois que as paredes d'esta casa estavam cuidadosamente *rachadas*, o que noutro sentido seria inexacto.



em muitas os vestígios do instrumento metálico pontegudo que as aparelhou.

Como já disse, subsistia só em pé a parte da parede que o corte do monte protegêra por lhe estar quasi encostada; era de 2<sup>m</sup>,25 a maxima altura d'essa parede totalmente occulta antes das excavações. Não encostava perfeitamente a face da parede posterior ao corte do monte, mas corria á roda um intervallo de poucos centímetros, por onde aliás mal passaria um homem.

Não havia nella abertura de especie alguma, e, não existindo já a parte anterior da casa que olhava ao sul e dominava a encosta, não pude verificar a existencia de porta onde era natural que a houvesse<sup>1</sup>. No interior da casa, as paredes até certa altura davam mostras de terem tido um ligeiro rebôco de barro alisado, e igualmente, no pavimento horizontal, sobre o salão nativo da montanha, assentava uma camada de barro fino de pouca mas uniforme espessura.

Era pois, para os tempos, esta habitação um predio de certo conforto.

Neste primeiro dia de trabalho, os achados entre o entulho e os destroços da casa, foram, alem de grande variedade de fragmentos ceramicos desde a *tegula* até á *fusaiola*, alguns objectos de pedra que a deante descreverei, grande porção de escumalho de ferro<sup>2</sup> e um medio-bronze romano.

Como me tinham informado que ao lado d'esta casa, para poente, havia vestígios de outra tambem soterrada, dirigi no segundo dia de trabalho a excavação para esse lado, mesmo porque para nascente não havia entulhos alguns, mas sómente o salão virgem do monte.

Verifiquei que o pavimento interior da casa, desobstruida na vespera, estava num nivel um pouco superior ao terreno circumjacente,

<sup>1</sup> O pedreiro que primeiro descobriu a casa disse-me, sem que eu lh'o perguntasse, que não encontrára porta, mas nota o Sr. Martins Sarmiento nas *Observações á Citania* que a soleira da porta nestas habitações costumava ser superior ao nivel do terreno. Aqui não era só a soleira, mas o proprio pavimento interno era mais elevado que o solo exterior.

<sup>2</sup> Ha a tradição entre os moradores de perto (propriamente ali não os ha), de que naquelles sitios habitou em tempo um ferreiro. Esta tradição terá por origem o apparecimento casual do escumalho á superficie do monte, ou os meus achados de rebotalhos incontestaveis de uma forja é que serão a contraprova d'essa antiga tradição? A primeira hypothese é a mais provavel, e conforme com outras de outras localidades. Note-se que eu revolvia entulhos que tinham mais de dois metros de *potencia*, se assim posso exprimir-me, e a essa profundidade ainda eu encontrava os rojões de ferro calcinado.

precaução que tanto podia ter, para se justificar, motivos hygienicos como de segurança domiciliaria.

E creio não fazer com aquella conjectura favor desproporcionado á civilização dos Gallecos, meus antepassados.

No remeximento do entulho, que continuava a ser composto de terra vegetal corroida pelas aguas á encosta e de destroços das edificações, os achados limitaram-se aos restos de ceramica, alguma finissima, fusaiolas, metade de uma atafona de pedra, cujo diametro seria de 0<sup>m</sup>,34, dois objectos pequenos de ferro, cuja applicação é incerta (fig. 2, n.<sup>os</sup> 14 e 16) e vários outros de pedra polida. O fragmento da atafona (*mola manuarua*) pertencia á parte inferior ou pé, que é a que mais vulgarmente se encontra nos castros da Galliza (Vid. Villa-Amil, *ob. cit.*, cap. xv).

No terceiro dia continuei a pesquisar os entulhos ao poente da casa, no que se gastaram ainda alguns dias.

Pouco distante d'ella (3 a 4 decimetros) e ao fundo do recanto em que assentava, descobri outra construcção, não perfeitamente circular, mas aproximando-se da fórma quadrangular, com 1<sup>m</sup>,40 apenas de lado. A parede era ensossa, muito estreita, de pedras pequenas, irregulares e sem apparelho algum. Por um lado até, tinha-se aproveitado a dureza do salão, cortando-o á feição, para supprir a parede. Ausencia completa de argamassa. Havia ainda, pela disposição das pedras superiores, signaes de que esta casota tinha sido toscamente abobadada. O systema empregado nesta abobada rudimentar foi aquelle a que os franceses chamam à *encomblement*, em que as pedras, conservando leitos horizontaes, avançam em resaltos successivos para o interior da construcção até se juntarem. Este rude processo ainda é hoje usado em alguns logares mais sertanejos d'este concelho, e por esta fórma cobrem as construcções circulares que ainda por lá existem.

No logar proprio estava ainda a soleira de uma entrada, por onde um homem a custo caberia, não ao nivel do terreno, mas soerguida uns 4 centimetros do chão exterior. Olhava ao sul. A altura das paredes d'esta construcção era de 1<sup>m</sup>,50.

Revolvendo o entulho que a obstruia, encontrei uma pequena argola que me parece de cobre ou de bronze (vid. fig. 2, n.<sup>o</sup> 22), outro fragmento de moinho de mão, cujo diametro seria de 0<sup>m</sup>,35, e vários instrumentos de pedra, sendo dois perfeitamente iguaes na fórma. São os representados na fig. 3, n.<sup>os</sup> 2 e 3.

Para que serviria esta casota de dimensões tão exiguas e de construcção tão tosca ao lado da outra tão regular e tão perfeita?

Para habitaculo do homem, não, que principiava por mal poder este entrar e depois não caber dentro. A ideia, que acode, é que esta construcção era o abrigo ou córte de algum animal domestico. Este facto demonstra que a população de que eram parte os habitantes d'este eido, tinha neste castro a sua residencia habitual.

No estreito intervallo que separava as duas edificações, e á boca do espaço que circumdava as traseiras da casa circular, a 3 metros de profundidade do nivel do terreno, appareceu outro medio-bronze romano.

Depois ainda encontrei mais dois medios-bronzes, mas tão atacados pela humidade, que era impossivel distinguir qualquer cunho.



Fig. 3

O alfinete da fig. 2, n.º 15, de bronze, estava enterrado no entulho, como o mais.

A pequena distancia topou-se um fragmento de vidro que pertencera a algum vaso pequeno. O vidro não é perfeitamente incolor, mas um pouco esverdeado e na face externa por baixo de um pequeno relêvo semicylindrico que fazia o effeito de asa, corre ao redor uma faixa esmerilada; interiormente é tambem esmerilado. Tem a espessura de 0<sup>m</sup>,004.

Tanto o alfinete como o pedaço do vidro jaziam a 1<sup>m</sup>,40 de profundidade.

Como eu procurasse sempre seguir na remoção das terras o primitivo nivelamento do chão, as enxadas dos jornaleiros denudaram ainda os restos de uma nova parede curvilinea, argamassada, que

ficava pouco distante e para sudoeste da primeira habitação. O centro da curva d'essa parede estava fóra da casa circular, e por esse motivo

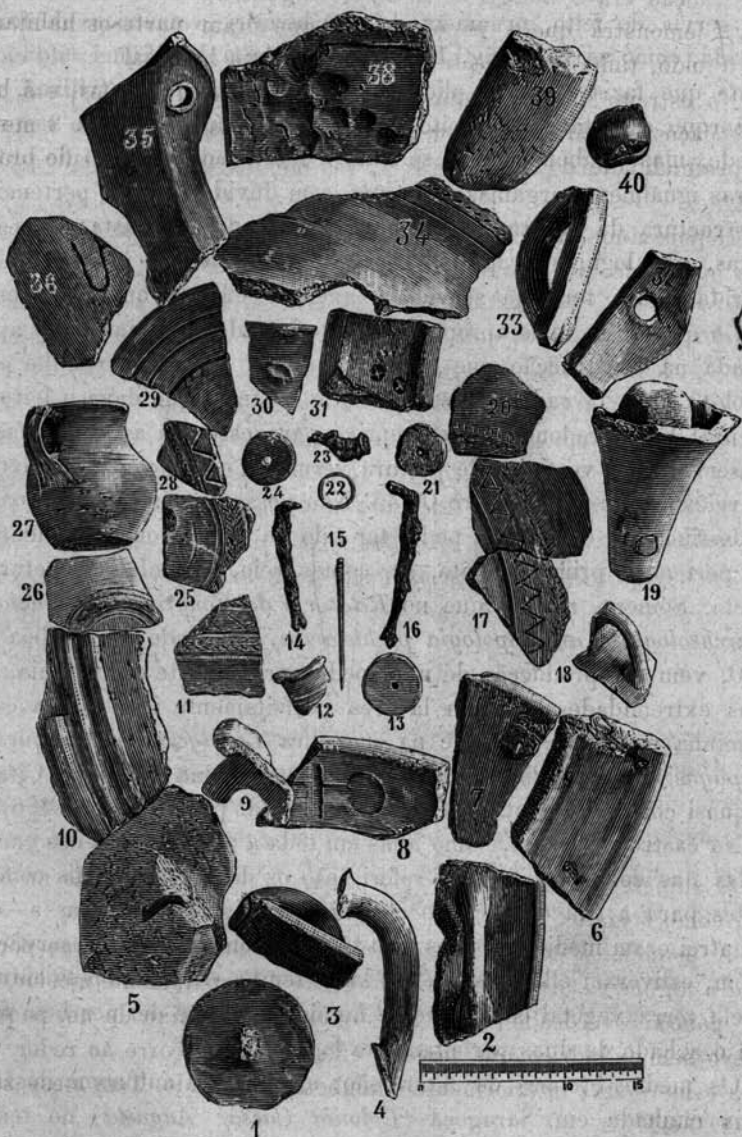


Fig. 2

e ainda porque o aparelho e espessura da parede eram identicos, pareceu-me ter encontrado vestigios de outra edificação igual á primeira: o que, porém, não posso assegurar.



Foi aqui que, acabando de destruir os restos d'esta nova parede que embaraçavam o trabalho, ao ser voltada uma pedra do alicerce, que era preciso remover para fóra, tive a surpresa de lhe ver a face, que servia de leito, ornamentada com labores geometricos de fórmula radiada, como se vê na fig. 1, que a representa. Verifiquei cuidadosamente que fazia parte do alicerce ou base da parede curvilinea, não só porque assentava num leito da argamassa empregada no resto da parede, mas tambem porque se achava incrustada no meio de outras pedras igualmente argamassadas que, sem dúvida alguma, pertenciam á estructura da construcção, mantendo-se todas, á custa umas das outras, nos logares proprios. D'estas circumstancias conclui que a referida pedra teria já servido a anterior edificio ou monumento, para o qual fosse mais apropiada, e teria sido posteriormente aproveitada na construcção que eu desenterrava, escondendo-se-lhe para o solo a face lavrada por ser plana e a unica que dava o leito de assento. Eram redondas e improprias para esse fim as outras faces. Conserva ainda vestigios de pintura vermelha ou atijolada nos labores em relêvo; tem de diametro 0<sup>m</sup>,35. Não posso entrar na averiguação do destino que esta pedra podia ter tido no edificio ou monumento a que pertenceu primeiramente, se, como creio, a minha conjectura é exacta. Sómente notarei que no *Relatorio do Congresso internacional de archeologia e anthropologia prehistorica*, celebrado em Lisboa em 1880, vem a reproducção de uma pedra proveniente da Citania, em cujas extremidades se vêem labores perfeitamente identicos a estes da minha pedra<sup>1</sup>. Cartailhac na sua obra *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, traz o desenho de uma pedra da Citania de quasi completa identidade á da fig. 1 (vid. pag. 286, fig. 486).

No castro de Ázere, como aliás em toda a parte, as moedas encontradas nas condições que já referi, são os documentos mais conclusivos para a sua definição e classificação historicas. Todas as que encontrei eram medios-bronzes; em tão más condições de conservação, porém, estiveram ellas durante tão longo tempo, dispersas pelo entulho e pela terra vegetal copiosamente humida, que me dei por bem feliz com o achado de duas perfeitamente legiveis.

Os medios-bronzes de Ázere são: uma moeda autonoma de Hespânia cunhada em Saragoça (*Colonia Caesar Augusta*) no tempo de Tiberio e uma moeda de Claudio.

<sup>1</sup> Vid. *Appendice* do dito *Relatorio*, est. 2.<sup>a</sup>, fig. 9.



## 1.º

Anverso: TI · CAESAR · DIVI · AVG · F · AVGVSTVS .  
Cabeça laureada do imperador, voltada á direita.

Reverso: R · T · CAECLIO LEPIDO · G · AFIDIO .  
GEMELLO II V R. Boi mitrado; no campo C · C · A.

Este medio-bronze vem no *Nuevo methodo de clasificacion de las medallas autónomas de España* por D. Antonio Delgado, t. III, pag. 50, n.º 57, est. 101.

## 2.º

Anverso: TI · CLAVDIVS · CAESAR · AVG. P. M. TR .  
P · IMP · Cabeça descoberta do imperador voltada á esquerda.

Reverso: LIBERTAS AVGVSTA . A Liberdade de pé á direita, tendo na mão um barrete; dos lados da figura S. C.

Póde ver-se na *Description historique des monnaies frappées sous l'empire romain* par Henri Cohen, t. I, pag. 164, n.º 79.

Para além do praso limitado por estes dois documentos irrefragáveis, a certeza historica fica substituida pela conjectura<sup>1</sup>. Mas nem por isso os outros achados são documentos mudos e despresiveis.

\*

De bronze mais dois objectos appareceram e esses de enfeite, a um dos quaes já me referi. Foi um alfinete (*acus*)<sup>2</sup> que tem a parte mais grossa ornada em redor com estreitos sulcos quasi contiguos, aos quaes se segue a cabeça espherica um pouco mais volumosa e lisa. Mede de comprimento 0<sup>m</sup>,085 (vid. fig. 2, n.º 15). Têm os labores alguma analogia com os das figs. 386 e 387, pag. 266 da *ob. cit.* de Cartailhac.

O outro objecto é um anel ou argola de bronze em que os extremos do fio ou arame não se tocam, mas ficam á distancia de 0<sup>m</sup>,001.

<sup>1</sup> Apesar d'isso posso, sem receio de affirmção temeraria, dizer que o castro de Ázere foi habitado desde muito antes d'aquelles imperadores, e a razão é que precisamente ao facto da dominação romana devem os castros a sua decadencia. Alem d'isto, os vestigios de uma civilização indigena são bem claros nos objectos recolhidos em Ázere.

<sup>2</sup> Vid. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Rich, s. v.

Parece ser peça de uma fibula<sup>1</sup>. Tem de diametro interior 0<sup>m</sup>,021 e a grossura do fio ou arame é de 0<sup>m</sup>,001, um pouco mais cheio nas extremidades (vid. fig. 2, n.º 22).

Os n.ºs 14, 16 e 23 da fig. 2 são tres pedaços de ferro, dos quaes um parece a cabeça de um prego (*clavus*) e os outros talvez restos de ganchos para suspender os vasos, cujos fragmentos seriam os n.ºs 32 e 35.

\*

Em ceramica é que os achados foram muito numerosos, mas incompletos. Desde a telha de rebordo (*tegula*) e a semi-cylindrica (*imbrex*), estas pouco abundantes, até á fusaiola (n.ºs 13, 21 e 24 da fig. 2), retirei da excavação uma infinita variedade de cacos e nem um só objecto inteiro, apesar da espessura e dureza de alguns fragmentos. Nem os que appareceram se puderam aproximar e completar uns com os outros.

Num volume de entulhos relativamente tão pequeno como aquelle que removi, achavam-se confundidos, e absolutamente disseminados, pedaços de uns oitenta vasos diferentes, a julgar pelas fórmas dos bocaes; pois nem um só pude reconstruir<sup>2</sup>!

O exame de todos os fragmentos<sup>3</sup> revela que a roda do oleiro foi sempre empregada na fabricaçoão dos vasos; ha d'isso vestigios indis-

<sup>1</sup> Nos *Mélanges d'archéologie et d'histoire*, obra postuma de Jules Quicherat (vol. 1, pag. 193), vem o desenho de uma fibula completa, á qual deve ter sido semelhante a de Azere, se o fusilhão é a peça que aqui se perdeu. Cfr. tambem *Appendice do Relat. cit. do Congresso de 1880*, est. 2.<sup>a</sup>, fig. 8.<sup>a</sup>, e Cartailhac, *ob. cit.*, pag. 287, fig. 397.

<sup>2</sup> D'esta circumstancia e dos raros fragmentos de telha que encontrei nos destroços da casa, parece poder inferir-se que, quando se deram no monte os desmoronamentos que a soterraram, já ella estava deshabitada e desamparada.

Ha ainda outro reforço para a minha conjectura: é que não encontrei uma só arma de bronze ou de ferro, apesar de estarmos em plena idade do ferro. Se não tivesse havido o abandono da habitaçoão, voluntario ou forçado, mais coisas uteis e completas teriam apparecido. Os povoadores d'este castro, levando comsigo o que lhes ainda podia servir, deixaram vazia a sua morada, de modo que o esboroamento da encosta apenas veiu soterrar depois cacos inuteis, e as duas moedas provavelmente perdidas.

<sup>3</sup> Quer sejam de cozedura completa, profunda, de toda a espessura do barro, quer de cozedura incompleta e limitada ás superficies externas. Poder-se-ha ver na accumulacão d'estes fragmentos a existencia de dois periodos successivos da arte ceramica nos castros do Minho, ou serão simultaneas aquellas differenças

cutiveis. Apenas um exemplar, que parece ser um têsto, não apresenta os signaes do trabalho á roda, parecendo, ao contrario, modelado por meio de repetidas pressões com os dedos na massa ainda crua. Não destôa d'este indicio provavel de maior antiguidade a sua imperfeitissima cozedura; o barro ficou em toda a espessura negro, e é cheio de mica (Veja-se o n.º 1 da fig. 2).

A ornamentação dos fragmentos representados nos n.ºs 11, 17, 20, 25, 28 e 34 é característica; alguns desenhos são executados com ponta ou estylete, outros com marca como nos n.ºs 17, 20 e 31 da fig. 2<sup>1</sup>.

Alguns bordos de vasos têm pela parte interna vestigios de desenhos irregulares, feitos com a extremidade dos dedos; veja-se o n.º 8. Está perfeitamente cozido.

O fragmento n.º 12 é de argila preta, de execução perfeita e elegante. Era um vasilho de luxo; não é o unico encontrado neste genero.

O n.º 38 é um curioso pedaço de uma *tegula*, que recebeu a impressão das patas de um cão, quando o barro ainda estava fresco na officina do oleiro.

Não quero passar a deante sem apontar os n.ºs 2, 3 e 33, que representam uma singularidade de alguns vasos de grandes diametros. Em lugar de terem as asas externamente, têm-nas pelo lado de dentro. A comparação dos tres fragmentos (e de outros identicos que possuo) a essa convicção me induz. A asa, collocada num plano paralelo ao fundo e boca do vaso, está fixada e embutida, não sobre a convexidade do bordo, mas na concavidade. E é a parte convexa que em

---

de cozedura, e devidas a outras causas? Parece-me que principalmente a ornamentação é que nos deveria guiar na determinação d'aquelles periodos, se não soubessemos que nos castros d'esta epocha se dá o encontro de duas epochas o a coexistencia transitoria de duas civilizações. Virchov no citado *Append.* diz que não se pôde afirmar que, mesmo na Citania se empregasse a roda do oleiro. Eu não conheço *de visu* a ceramica da Citania, mas tendo sido esta estação habitada pelo menos até Hadriano (*Observ. á Citania* por M. Sarmiento) e a de Ázere pelo menos até Claudio, e não estando muito distantes uma da outra, é natural que se fornecessem das mesmas officinas; pois em Ázere a intervenção do oleiro é irrecusavel. Na fig. 2 estão bem cozidos os n.ºs 4, 5, 9, 18, 19, 26, 27, 30, 32, 35, 38 e 39, e imperfeitamente cozidos, apenas nas camadas externas do barro, os n.ºs 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 17, 20, 25, 26, 29, 31 e 34.

<sup>1</sup> Cfr. *Introdução á archeologia da peninsula iberica*, por A. Filippe Simões, pag. 57.



varios fragmentos e em nenhum d'estes a concava, está incrustada de um deposito de fuligem ou carvão, produzido pela repetida exposição ao fogo, do vaso, que serviria talvez para usos culinarios<sup>1</sup>.

Ainda outra particularidade se póde ver nos n.<sup>os</sup> 6 e 7. É ella o cravamento de peças de ferro a través da argila dos vasos. O n.<sup>o</sup> 7 é um fundo que tambem parece ter tido pés de ferro. O n.<sup>o</sup> 6 é um bordo, a que adaptaram talvez asas da mesma natureza; noutros parece ter havido anneis ou arcos para reforçar o vaso.

Creio ver o fragmento de um *pondus* de barro no n.<sup>o</sup> 39.

O n.<sup>o</sup> 5 é com toda a probabilidade o fragmento de uma amphora magnificamente bem cozida, e de argila, de proveniencia diversa do geral dos fragmentos.

É curioso o fragmento do n.<sup>o</sup> 19, que representa o pé de um grande vaso de barro com refôrço interior.

\*

A fig. 3 representa alguns dos mais bens conservados instrumentos de pedra que se achavam nas ruinas da habitação. Evidentemente, numa estação em que apparece o bronze (embora em artefactos de importação) e mais ainda o ferro, o uso da pedra, como arma ou utensilio de trabalho<sup>2</sup>, devia estar em completa decadencia, e só o poderá explicar um atraso relativo de civilização, presumivel em terras tão remotas e quasi ignoradas como estas. A distancia dos logares, a escassez de communições e a pobreza dos habitantes são sempre embaraços para o desapparecimento de coisas e processos velhos, já abandonados e substituidos em regiões mais adeantadas.

<sup>1</sup> Este depósito ainda se conserva num grande numero de fragmentos, attingindo nalguns a espessura de 0<sup>m</sup>.001. É singular que, num caco, seja na parte interna e externa do vaso que elle se produziu, ao contrario de todos os outros fragmentos. Á primeira vista parecerá que isto invalida o meu argumento do têsto *supra*. Mas onde só uma face está incrustada de fuligem e a outra se conservou limpa, não se póde suppor que fosse esta a face voltada para o fogo. E é este o caso.

<sup>2</sup> O local do apparecimento de todos os instrumentos de pedra e os vestigios do seu uso não me deixam pensar que estivessem ali como objectos funerarios ou devessem ter esse destino, nem seria dentro dos castros que se deporiam os restos dos que morriam (vid. *Rev. de Guimarães*, II, pag. 194). Não me parecem tão pouco armas, mas instrumentos de trabalho ou utensilios.

Abundam na colheita que fiz os instrumentos contundentes, aos quaes não me atrevo a dar outra denominação, porque me parece que, não sendo mais que seixos rolados pelas aguas e aproveitados quasi sem alteração pelo homem, estão fóra de qualquer classificação systematica de fórma.

A gravura representa um exemplar (fig. 3, n.º 1), que conserva nas extremidades vestígios do uso de contundir, e é o unico cuja fórma, que considero natural, me auctorizaria a denomina-lo *martello*; tem de comprimento 0<sup>m</sup>,14<sup>1</sup>.

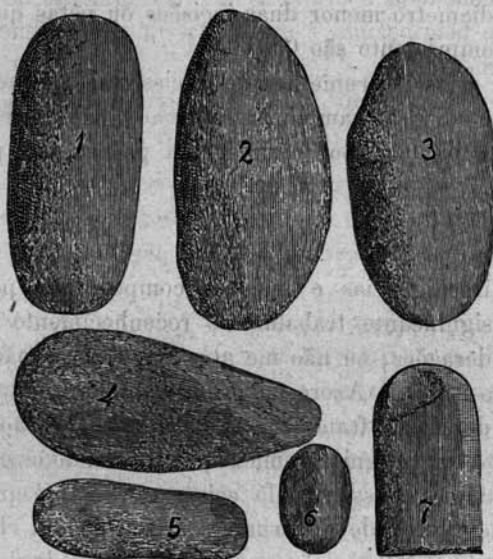


Fig. 3

É singular a fórma dos n.ºs 2 e 3 da mesma fig. 3, utensilios analogos, e de certo destinados ambos ao mesmo fim. São tambem, na sua fórma, seixos rolados numa corrente d'água, mas aqui o homem interveiu para as adaptar melhor a um determinado uso, fazendo-lhes

<sup>1</sup> Póde ver-se um muito semelhante, á parte um rasgo circular ao meio que este não tem, num folheto de F. A. Pereira da Costa, intitulado: *Noticia de alguns martellos de pedra e outros objectos descobertos na mina de cobre de Ruy Gomes no Alemtejo*. O auctor pensa tambem que é um calhau utilizado pelo homem; tem o comprimento de 0<sup>m</sup>,237.

uma pequena móssa, que parece ter sido ponto de apoio para a mão. Não têm signaes de terem sido instrumentos de contundir. Serviriam para amolar metaes?<sup>1</sup> Ou para alisar madeiras? Ou para esfollar pelles?

O n.º 2 tem de comprimento 0<sup>m</sup>,15 e o n.º 3, 0<sup>m</sup>,131.

O n.º 4, cujo comprimento são 0<sup>m</sup>,145, tem igualmente na ponta aguda vestígios de ter servido para contundir ou pisar.

Parece ter sido tambem um martello o n.º 5, que mede 0<sup>m</sup>,101 de comprimento.

O n.º 6 é com toda a probabilidade uma pedra de funda; tem nos extremos do diametro menor duas incisões ou pêtas que m'o persuadem. O seu comprimento são 0<sup>m</sup>,052.

São todos estes instrumentos de gneiss mais ou menos alterado<sup>2</sup>.

Todos, como disse, foram encontrados ao revolver-se o entulho e os destroços da habitação, por onde nunca passou nem passa corrente alguma d'agua.

\*

Melhores intelligencias e maiores competencias poderão basear neste meu insignificante trabalho de reconhecimento de um castro eruditas considerações; eu não me atrevo a dizer senão que o castro de S. Miguel-o-Anjo de Azere foi primitivamente uma povoação pre-romana, que, depois de franquear as suas trincheiras ao povo conquistador, viveu sob as insignias romanas, conservando os costumes tradicionais, adoptando e assimilando coisas novas, até que, passada ao menos a primeira metade do primeiro seculo da éra christã, teve de abandonar talvez o velho ninho para descer confiadamente á planicie, ou posteriormente fugir á torrente de novos conquistadores, menos transigentes que os primeiros e mais summários nos seus processos de occupação.

Acceptando a classificação dos castros apresentada no n.º 1 d-*O Archeologo Português*, resta-me capitular historicamente o castro de S. Miguel.

<sup>1</sup> A este uso parece apropriar-se melhor o exemplar n.º 7 da fig. 3; ha nelle vestígios de fricção contra outro corpo de igual ou maior dureza, que o gastou, deixando-lhe superficies lisas. Cfr. *Introdução á archeologia da peninsula iberica* por A. F. Simões, nota 7.<sup>a</sup>, pag. 162.

<sup>2</sup> A classificação mineralogica d'estes e outros exemplares recolhidos na mesma occasião, devo-a ao favor e sciencia do ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Gonçalves Guimaraes, dignissimo lente de mineralogia na Universidade de Coimbra.



Attendendo por um lado ao apparecimento das moedas romanas<sup>1</sup>, e dos outros objectos tanto de metal como de barro de origem romana, e por outro aos utensilios de pedra e a alguns fragmentos de louça simples e ornamentada, parece-me poder seguramente collocar o castro de Ázere no 4.º typo: *Castros luso-romanos*.

A relativa abundancia de restos de civilização indigena explica-se, creio eu, como hoje se explica o atraso das povoações ruraes, comparado com o adeantamento dos centros mais populosos.

Arcos de Valdevez, Abril de 1895.

F. ALVES PEREIRA.

### Museu Archeologico em Moncorvo

O jornal *O Moncorvense*, de 2 de Junho de 1895, advoga em enthusiastico artigo, assignado pelo nosso collaborador o Rev. José Augusto Tavares, a criação de um Museu Municipal na villa de Moncorvo.

Adduzem-se, como razões principaes, já o constituir um museu um importante melhoramento, que de certo attrahiria á localidade visitantes e estudiosos, já o ser Moncorvo um centro de estações archeologicas, entre as quaes figura o monte do Roboredo, com antigos vestigios de explorações mineiras e a estrada chamada *mourisca*, o Felgar e Villa-Velha com lapides epigraphicas, as Cabanas-de-Baixo com os celebres *berrões*, o Olival-da-Rasa com sepulturas abertas na rocha, Villarinho e Castedo com monumentos prehistoricos, etc. A estas razões accrescenta-se o facto de não haver ainda na provincia de Tras-os-Montes nenhum museu público, vindo assim Moncorvo não só a ter a glória de possuir o primeiro, mas a poder mais facilmente colligir objectos.

Segundo diz o Sr. P.º Tavares, a Camara Municipal moncorvense dispõe de uma espaçosa sala que serviria para se installar o Museu. O Sr. P.º Tavares, alem da sua propria influencia, e exemplo, pois offerece desde logo para o Museu oito ou dez machados neolithicos e várias moedas romanas, conta com o auxilio dos Srs. Dr. Margarido, de Moncorvo, e P.º Adriano Guerra.

<sup>1</sup> Alem das duas, cujo typo descrevo, appareceram outras que posso afirmar serem romanas, mas quasi completamente corroidas da oxydação.